

Confrontações e diálogos entre o exercício profissional e a prática laboratorial em telejornalismo durante a pandemia¹

Hendryo Anderson ANDRÉ²
Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR

RESUMO

Quando a Organização Mundial da Saúde (OMS) decretou uma pandemia, em março de 2020, uma crise sanitária sem precedentes nos últimos cem anos se estabeleceu. Discussões sobre os potenciais riscos causados pelo novo coronavírus, medidas restritivas de circulação, uso de equipamentos de proteção individual (EPIs), políticas públicas para garantir bem-estar social às populações e, tão importante, a busca pelo desenvolvimento e, depois, distribuição de vacinas passaram, não sem percalços criados por movimentos negacionistas, a integrar o cotidiano. Por ocupar um dos principais campos de visibilidade para informar sobre o tema, o jornalismo, uma prática social historicamente complexa e orgânica, teve forçosamente que se reinventar. Uma pesquisa realizada por Capoano e Barros (2020) com 227 jornalistas brasileiros no período revelou que 95,4% dos respondentes alegaram ter sofrido algum tipo de impacto na rotina de trabalho, dois terços deles relativos ao teletrabalho. No ensino de jornalismo, as modificações perpassaram do ensino remoto emergencial (ERE) às novas formas de produzir, laboratorialmente, notícias, em um contexto inóspito para uma cultura profissional que tende a valorizar a ida a campo (TRAVANCAS, 2011). Em pouco tempo, as salas de aula se transformaram em verdadeiras comunidades virtuais, o que lançou desafios a docentes e discentes sobre a necessidade de entender e estruturar um modelo virtual de aprendizagem (MOREIRA; HENRIQUES; BARROS, 2020). O ERE surgiu improvisado e impôs desafios, adaptações e também rupturas. Há complexidade para o docente estabelecer coesão entre aulas síncronas e assíncronas, organizar e avaliar atividades em equipe e, finalmente, propor atividades em disciplinas práticas, como nas audiovisuais. A última percepção é ratificada por Barreto, Ghisleni e Becker (2021), quando ilustram que a maioria dos professores dos cursos de Publicidade e Jornalismo da instituição onde realizaram uma

¹ Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 16 a 18 de junho de 2022.

² Doutor em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor do Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Paraná (UFPR), email: hendryo@ufpr.br.

pesquisa avalia que as disciplinas podem ser “adaptáveis” ao ERE, ainda que haja dificuldades particulares naquelas ligadas ao audiovisual. Tal resultado decorre de tecnologias e espaços específicos para a produção, comumente disponíveis nos laboratórios das universidades. Nessa situação, o professor, além de instigar o aprendizado de novas tecnologias, precisa abandonar a percepção de *transmissor* de conhecimentos para “guiar o processo de aprendizagem do estudante de forma a desenvolver as suas capacidades, nomeadamente de aprender a aprender, da sua autoaprendizagem e da sua autonomia” (MOREIRA; HENRIQUES; BARROS, 2020, p. 354). Essa prerrogativa se torna mais desafiadora numa *sociedade do desempenho* (HAN, 2017), um modelo de organização que cultua, da prática jornalística ao ensino, a velocidade, independentemente das implicações que isso possa ocasionar. “O excesso de trabalho e desempenho agudiza-se numa autoexploração. Essa é mais eficiente que uma exploração do outro, pois caminha de mãos dadas com o sentimento de liberdade” (*ibid.*, 2017, p. 30). Com essas premissas, o presente resumo busca apresentar e problematizar, introdutoriamente, uma experiência de ensino de jornalismo com estudantes matriculados em *Telejornalismo I*, ofertada no segundo semestre letivo de 2020 (que ocorreu, por questões de atraso no calendário acadêmico, entre maio e agosto de 2021) no curso de Jornalismo da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Na disciplina houve uma preocupação em confrontar a dinâmica de elaboração de produtos audiovisuais laboratoriais – notas, reportagens e uma edição-piloto de telejornal – com os desafios e perspectivas que jornalistas profissionais enfrentavam antes e durante a pandemia. Buscou-se com a iniciativa constituir uma prática pedagógico-didática ativa e construtivista, sustentada por conhecimentos elaborados colaborativamente. Noutras palavras, discentes matriculados no terceiro período deveriam desenvolver os trabalhos práticos e, simultaneamente, compreender aspectos da nova rotina produtiva de jornalistas profissionais. Reunidos em duplas ou trios, os estudantes receberam um questionário semiestruturado que deveria ser aplicado a jornalistas que estivessem atuando em televisão durante a pandemia. Do questionário era preciso montar um relatório que problematizasse o contexto, bem como confrontasse discussões, leituras realizadas e atividades produzidas ao longo da disciplina. O presente texto reúne observações iniciais obtidas na experiência pedagógica. Em um primeiro momento, uma revisão bibliográfica versa sobre os desafios produtivos enfrentados por jornalistas,

tensionando-os ao ensino de jornalismo. Logo após a apresentação da dinâmica da atividade, a análise detém-se à experiência e aos resultados obtidos pelos estudantes. A literatura consultada para este resumo sobre as rotinas produtivas de jornalistas durante a pandemia é unânime em destacar que o período trouxe desafios de ordem técnica, ética e de sentidos para o ofício. Miranda, Fidalgo e Martins (2021), por exemplo, aplicaram uma pesquisa com 890 jornalistas portugueses para entender como a pandemia impactou valores deontológicos da profissão. Fórmulas remotas e personalizadas de contato, embora não tenham trazido diminuição na carga de trabalho, foram a principal ruptura identificada pelos participantes. Em seguida, a percepção na redução da interação social no ambiente da redação e o conflito, oriundo da lógica remota, entre responsabilidades profissionais e pessoais. Já Camponez e Oliveira (2021), baseados no mesmo banco de dados da pesquisa anterior, voltaram as atenções às expectativas que os jornalistas têm de si e da profissão. Na análise, o destaque fica por conta da crise sanitária ter agravado a insatisfação com a profissão, de modo que 45% dos participantes responderam que o abandono da atividade era *provável* ou *muito provável*. Observa-se que as três características do primeiro estudo e a consequência identificada no segundo, com certas particularidades, também afetaram a vida cotidiana de estudantes universitários. Patrício (2020), por outro lado, focou, em uma pesquisa exploratória seguida por um *survey* com 17 iniciativas de jornalismo independente, entendido pelo autor como um nicho específico e mais crítico em relação à mídia corporativa hegemônica. Ao contrário das investigações citadas, a condição do trabalho remoto foi, para metade dos respondentes, *muito mais tranquila* ou *mais tranquila* que a ocupação anterior presencial, o que indica, no mínimo, perspectivas distintas sobre o fazer jornalístico na pandemia. Dias (2021), ao abordar questões relativas à educação na sociedade do cansaço, termo cunhado por Han (2017), alerta que pandemias geram impactos sociais, econômicos e políticos. Se o mundo desacelerou inicialmente, quando populações permaneceram em casa, essa paralisação proporcionou um sério déficit de aprendizagem. É pensando nesse prejuízo que a atividade com os estudantes da disciplina de *Telejornalismo I* foi desenvolvida. Organizada em formato de seminário, a atividade visou confrontar as discussões e leituras com a realidade vivida pelos profissionais. Cada equipe deveria produzir uma entrevista com um jornalista que trabalhava na época em televisão. Com base em um questionário semiestruturado, os estudantes deveriam identificar dilemas, desafios, adaptações e

perspectivas desses profissionais a partir das discussões em sala e da bibliografia consultada. As entrevistas, realizadas remotamente, foram gravadas e decupadas. Além delas, os estudantes tiveram que entregar e apresentar um relatório descritivo-analítico com reflexões sobre o exercício da profissão durante a pandemia. Nele, deveriam ser diagnosticadas e problematizadas mudanças e permanências na forma de se produzir telejornalismo após a pandemia, que deveriam ser confrontadas com a experiência de produção do primeiro telejornal, produzido paralelamente na disciplina. Ao todo, a turma foi dividida em dez equipes, das quais seis realizaram a atividade seguindo rigorosamente todas orientações. Os relatórios, para este resumo expandido, foram analisados por meio de uma análise de conteúdos, método que consiste na reunião dos dados a partir de inferências, isto é, padrões de respostas que passam a ser identificados e que estabelecem, entre si, a possibilidade de aferição de discrepâncias e regularidades (BARDIN, 2010). A seleção dos entrevistados ficou a critério das equipes, o que, pedagogicamente, foi frutífero, à medida que os estudantes escolheram profissionais que admiravam e/ou queriam conhecer a dinâmica de trabalho. Embora mencionados na atividade em sala, aqui os entrevistados não estão identificados. O grupo é formado por seis mulheres, de três diferentes grupos de comunicação, a maior parte na faixa entre 30 e 50 anos. Uma atua na função de apresentadora (E1) e outra na pauta (E2), enquanto as demais são repórteres (E3, E4, E5, E6). O auxílio das empresas, como a disponibilização de testes e EPIs (E1, E2, E4, E5, E6), foi valorizado pela maioria do grupo. Todas perceberam ampliação na audiência nos telejornais que atuam, ocasionada pela lógica monotemática que os noticiários tiveram. O jornalismo passou a ter mais espaço na programação, o que auxiliou no esgotamento do tema e obrigou alguns noticiários a diversificarem a pauta (E2, E4, E5, E6). A flexibilidade para construir as atrações noticiosas, como as interações remotas, foi um ponto positivo identificado pelo grupo, o que compensou a dificuldade de se aproximar das fontes, algo notado, sobretudo, pelas repórteres, mas o jornalismo profissional jamais foi remoto. A pauteira E2, por exemplo, cita que o ato de trabalhar de casa “nunca foi discutido”. Essa característica ajudou a ampliar o esgotamento dos profissionais durante a pandemia, e pode ser vista como a principal diferença observada pelos estudantes em relação à prática laboratorial. No grupo das repórteres, a maior dificuldade foi para encontrar pessoas nas ruas, algo que reforçou a necessidade de priorizar a informação (entrevistas remotas e uso de microfones exclusivos para as fontes)

frente à estética. Observa-se que a possibilidade de proporcionar um diálogo entre os discentes e jornalistas profissionais propiciou maior engajamento com a atividade e reflexões sobre a relevância da profissão.

PALAVRAS-CHAVE: telejornalismo; ensino de jornalismo; rotinas produtivas; pandemia; entrevista estruturada.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010.

BARRETO, C. H. C.; GHISLENI, T. S.; BECKER, E. L. S. Educação em tempos de pandemia: ensino remoto pela visão docente nos cursos de publicidade e propaganda e de jornalismo na universidade franciscana. **Travessias**, Cascavel, v. 15, n. 3, p. 99-117, dez. 2021.

CAPOANO, E.; TEIXEIRA DE BARROS, V. Jovem, dedicado, confinado e prejudicado: **Pauta Geral - Estudos em Jornalismo**, v. 7, n. 1, p. 1-15, 12 mar. 2021.

DIAS, E. A Educação, a pandemia e a sociedade do cansaço. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 112, p. 565-573, set. 2021.

E1. **Impactos das novas tecnologias na forma de se pensar e produzir telejornalismo durante a pandemia**. [Entrevista concedida a] Breno Antunes da Luz, Kaila Cristina da Silva da Conceição e Mariana da Silva de Souza. Curitiba, agosto, 2021.

E2. **Impactos das novas tecnologias na forma de se pensar e produzir telejornalismo durante a pandemia**. [Entrevista concedida a] Bruna Eduarda Rudnick, Gabriela Gorges e Isabela Simm Stanga. Curitiba, junho, 2021.

E3. **Impactos das novas tecnologias na forma de se pensar e produzir telejornalismo durante a pandemia**. [Entrevista concedida a] Camille Bittencourt e Nathalia Cristina. Curitiba, agosto, 2021.

E4. **Impactos das novas tecnologias na forma de se pensar e produzir telejornalismo durante a pandemia**. [Entrevista concedida a] Isadhora Santa Clara, Jéssica Blaine e Stephanie Pereira. Curitiba, junho, 2021.

E5. **Impactos das novas tecnologias na forma de se pensar e produzir telejornalismo durante a pandemia**. [Entrevista concedida a] Luís Henrique Cabral Pacheco e Lucas Daniel de Lima. Curitiba, agosto, 2021.

E6. **Impactos das novas tecnologias na forma de se pensar e produzir telejornalismo durante a pandemia**. [Entrevista concedida a] Gabriel Tassi Lara e Kássia Calonassi de Oliveira da Silva. Curitiba, junho, 2021.

HAN, B. C. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2017.

MIRANDA, J.; FIDALGO, J.; MARTINS, P. Jornalistas em tempos de pandemia: novas rotinas profissionais, novos desafios éticos. **Comunicação e Sociedade**, São Paulo, n. 39, p. 287-307, abr. 2020.

MOREIRA, J. A. M.; HENRIQUES, S.; BARROS, D. Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia. **Dialogia**, São Paulo, n. 34, p. 351-363, abr. 2020.

PATRÍCIO, E. Jornalismo e pandemia: impactos da covid-19 nas rotinas de produção do jornalismo independente. **Revista Pauta Geral – Estudos em Jornalismo**, Ponta Grossa, v. 7, p. 1-18, 2020.

TRAVANCAS, I. **O mundo dos jornalistas**. 4. ed. São Paulo: Summus, 2011.